UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Bruno Aguiar Pimenta da Silva

Ponto(s) de Encontro(s):
Oficinas artísticas do projeto *Arte e Diferença*

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção de título de Graduado em Teatro.

Prof. Orientador: Vinícius da Silva Lírio

Belo Horizonte
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
[ESCOLA DE BELAS ARTES]
[DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

BRUNO AGUIAR PIMENTA DA SILVA

Título da monografia: "PONTO(S) DE ENCONTRO(S): OFICINAS ARTÍSTICAS DO PROJETO *ARTE E DIFERENÇA*".

Aprovado em 05/12/2022

_____
Vinícius da Silva Lírio
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

_____
Maria Beatriz Braga Mendonça
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

_____
Anamaria Fernandes Viana
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2022

Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2022.

Documento assinado eletronicamente por **Vinicius da Silva Lirio**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Fernandes Viana**, **Subcoordenador(a)**, em 05/12/2022, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Beatriz Braga Mendonca**, **Professora do Magistério Superior**, em 07/12/2022, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1943194** e o código CRC **1A03168C**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha maior parceira, amiga e inspiração, minha mãezinha, que esteve comigo durante todos esses anos de graduação me ajudando e me dando forças, te amo. Agradeço também ao meu Pai e à minha família, Tia Juliana e Barbára, minha irmã, que me deram um puxão de orelha quando foi necessário, e à minha Vó Terezinha, pelas orações. Agradeço aos meus amigos, que de alguma forma me apoiaram para chegar até aqui, obrigado pelas palavras de motivação. Minhas universitárias favoritas que fizeram da universidade um lugar mais leve, Ana Flávia e Naiara, obrigado pelas trocas. À minha amiga parceira e diretora, Amora Tito, que me mostrou que outros mundos são possíveis, e que me inspira tanto, obrigado pelas conversas, pelos choros e principalmente por me ouvir e me ver, te amo. Ao Grupo Miserável, que me permitiu experimentar e botar em prática minhas ideias artísticas, em especial à minha artista preferida no mundo, Giuli Paz, sou eternamente grato por ter você na minha vida. Agradeço também aos meus professores e às minhas professoras que me ajudaram a chegar ao final dessa graduação; Pitty e Libéria, obrigado por fazerem da universidade um lugar melhor com a gentileza de vocês; À Bya Braga, que me tirou da caixinha, soltou meus arlequins e me mostrou que arte é um estudo científico dos sonhos. Às Professoras Mônica e Anamaria, que acreditaram e confiaram em mim, e em especial a Anamaria que com sua sensibilidade me inspirou e me ajudou a enxergar além. Ao meu professor e, agora, orientador Vinícius Lírio, o homem flor, pelo SIM, e por me ajudar a acreditar em mim, quando nem eu acreditava, sua paixão e dedicação a docência me motiva, obrigada por tanto. Agradeço também à toda equipe do Projeto Arte e Diferença, Oscar, Nathalia, Thaissa, Débora e Clara pelas trocas juntos(as), em especial, à Nathalia, que me deu tantos conselhos e dicas para este trabalho, obrigado por tudo. Um agradecimento especial a cada indivíduo que experienciou as oficinas do Projeto Arte e Diferença, obrigado por se permitirem e por me transformarem. E por fim gostaria de agradecer a Deus e aos seres de luz, que sei que estão e estiveram do meu lado o tempo todo durante esse caminho. Gratidão.

Ponto(s) de Encontro(s):
Oficinas artísticas do projeto *Arte e Diferença*

Bruno Aguiar Pimenta da Silva [1]

Prof. Orientador: Vinícius da Silva Lírio [2]

Resumo: O presente estudo apresenta vivências e experiências das oficinas artísticas do projeto Arte e Diferença, projeto de extensão da UFMG, que oferece oficinas transdisciplinares para pessoas com e sem deficiência, da qual fiz parte durante o ano de 2022, como bolsista PBEXT. A partir dessas vivências, são sistematizadas essas experiências em seis tópicos: *Introdução: Ser; Chegar ou toda segunda-feira é um chegar, Cartografar - Princípios; Desapegar, Transformar (tomar posse de si); e Encontro(s) - algumas últimas linhas (aqui)*. Nessa escrita, apresento o projeto, suas particularidades e circunstâncias, a importância dos começos, o processo de chegada e entendimento desses encontros, o desapego de técnicas e certezas, a partir do entendimento das oficinas e do processo de formação docente que o projeto me proporcionou, fazendo-me tomar posse de minhas ideias. Por fim, reitero a importância do(s) Encontro(s) que as oficinas do projeto ocasionaram e seu processo transformador e emancipatório para as pessoas que o frequentaram.

Palavras-chave: Arte e diferença; Cartografia; Educação; Transformação Social; Teatro.

Abstract: The present study presents experiences of the artistic workshops of the Arte e Diferença project, a UFMG extension project, which offers transdisciplinary workshops for people with and without disabilities, of which I took part during the year 2022, as a PBEXT scholarship holder. These experiences are systematized in six topics: Introduction: Being; To

[1] Graduando em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG (Licenciatura 2022). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro (2022). Estágio na PBH - Fundação Municipal de Cultura, DPAR Diretoria de Promoção das Artes (2017-2019).Bolsista (PBEXT) do programa Encontros com Arte do Centro Pedagógico UFMG (CP - UFMG)(2020-2021). Bolsista (PBEXT) do Projeto Arte e Diferença (2022)

[2] Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando nos cursos de Licenciatura em Teatro, Pedagogia e no Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre). É Doutor e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Licenciatura em Teatro, também pela UFBA. Além disso, é encenador, ator e performer. Realizou Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado (PPPD), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), junto ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - LUME. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Cênicas, Encenação Teatral e Pedagogias do Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, encenação contemporânea, performance, poéticas híbridas, estudos culturais e Pedagogias de Teatro. Atuou como docente no curso de Artes Cênicas (Dança e Teatro - Licenciatura), na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E, ainda, foi professor efetivo de Teatro e Arte na Secretaria da Educação do Estado da Bahia, no contexto do Programa de Educação Integral. Autor dos livros Bença às Teatralidades Híbridas: o movimento cênico transcultural do Bando de Teatro Olodum (2014), Cartografia de Poéticas Híbridas: entre rastros de encenações à margem (2019) e Criar, performar, cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinares do teatro e da arte (2020).

arrive or every Monday is to arrive, Mapping - Principles; Detach, Transform (take possession of yourself); and Encounter(s) - a few last lines (here). In this writing, I present the project, its particularities and circumstances, the importance of the beginnings, the process of arriving and understanding these meetings, the detachment from techniques and certainties, based on the understanding of the workshops and the teacher training process that the project provided me , making me take possession of my ideas. Finally, I reiterate the importance of the Encounter(s) that the project workshops caused and its transformative and emancipatory process for the people who attended it.

Keywords: Art and difference; Cartography; Education; Social Transformation; Theater.

Introdução: Ser

Desde criança quis ser, ser vento, folha seca que cai, bicho que dança, o corte rápido e seco. As roupas brilhantes e leves que caiam sobre o corpo, o beijo, a lágrima que fazia um caminho lento do cílio, a língua salgada. A história feliz, o sorriso triste, o comentário dos vizinhos no final de semana, o orgulho da família, o alto do morro mais alto, o piso forte, a novidade, alguém.

O menino que dançava no recreio, a menina de cabelo colorido da novela, o silêncio do apartamento, o encontro com o desconhecido que se tornou silêncio e, por um tempo ou até hoje… escondido. O coração acelerado como as bocas, quando eu era eu. A promessa de dois anos, o choro escondido, a unha branca, a dança livre, a mão solta, o versinho mais bonito do livro, o vestido da noiva da quadrilha, as meninas da aula de dança, o jeito de menino bola, a fala doce da professora.

Desde criança, eu queria ser tudo isso. Desde criança, eu queria ser artista. Inventar, fazer, pular, correr, experimentar vários cenários e figurinos, ir ao circo, ao teatro, cantar e dançar num palco para muitas pessoas. Eu não conhecia nenhum lugar que eu pudesse ser isso, pois minha criança era considerada errada, na escola e em casa. O meu mundo era tomado como incorreto e eu não entendia o porquê.

Até que, na minha adolescência, eu entrei na minha primeira aula de teatro. O suor se misturou com o êxtase, com o medo e o corpo enrijecido de anos, a mente a milhão acompanhando as batidas do coração. Algo novo acontecia na minha vida, ali. Eu não sabia o que era, o que estava sentindo, mas era bom.

Era bom esse mundo novo, esse Bruno novo, esse sonhar, esse ser, esse PER TEN CER. Ali, pela primeira vez eu achei um caco de Bruno, que foi se perdendo durante os anos. Até então, eu não tinha noção do quão quebrado eu estava, de quantos pedacinhos de mim,

como cacos de vidro estilhaçados, tinham se perdido na infância. Desde então, não consegui mais parar de procurar. Continuo em busca de cacos, mas, hoje, com o gozo de poder ajudar outras pessoas a encontrar e catar seus pedaços por aí.

Ser professor não estava nos meus planos, mas a arte me proporcionou esse caminho. O processo de emancipação e transformação que a arte possibilita é imenso e potente. Em minha jornada pessoal, pude vivenciar isso através das minhas aulas de teatro em projetos sociais, escolas e igreja.

A arte teve uma grande importância no meu processo de entendimento como indivíduo. Através dos diversos espaços artísticos pelos quais passei em minha vida, aprendi lições preciosas sobre mim, o outro, a importância da escuta, noções básicas de convivência e sobrevivência. Aprendi sobre consciência de classe, diversidade cultural, respeito, afeto e democracia. Foi nesses espaços que comecei a ter uma noção de mundo e como eu, como cidadão, contribuo para a sociedade. E, sobretudo, aprendia sobre a importância da arte para o meio social.

Para falar desse processo de emancipação e transformação do sujeito através da arte, escolhi me aprofundar em um projeto de extensão do qual faço parte, o projeto *Arte e Diferença*.

O projeto nasceu em 2017, com o objetivo de oferecer oficinas artísticas interdisciplinares para pessoas com e sem deficiência. Vinculado à Escola de Belas Artes (EBA) e à Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o projeto busca, a partir da diferença dos corpos, estabelecer trocas com o outro, através do encontro.

No mundo atual é difícil ter momentos de encontro com o outro de uma maneira profunda e sensível. Nicolas Bourriaud ([1998]/2009, p. 5) reflete sobre isso quando diz que,

> hoje, a comunicação encerra os contatos humanos dentro de espaços de controle que decompõem o vínculo social em elementos distintos. A atividade artística, por sua vez, tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados.

O que as oficinas do projeto propõem é que, neste estar com o outro, privilegiem-se diferentes formas de ser e estar no mundo, reconhecendo potencialidades e singularidades. Portanto, é um espaço de invenção e de criação que apenas pode ser estabelecido por meio da escuta e da sensibilidade. Nesse sentido é que “o Arte e Diferença é a sistemática do encontro,

o exercício da invenção, um espaço de reconhecimento da diferença, e da celebração da vida e do viver juntos" (VIANA; RAHME, 2020, p.13).

O programa é coordenado pelas professoras Anamaria Fernandes Viana (Departamento de Dança - EBA/UFMG)[3] e Mônica Maria Farid Rahme (FaE/UFMG).[4] No ano de 2022, eu ingressei no projeto, como bolsista PBEXT. Atualmente, com os outros bolsistas e voluntários, planejo e conduzo oficinas artísticas, a cada semana, para a comunidade interna e externa da UFMG.

Considerando essas ações e os princípios do projeto, nessa escrita, falarei do processo transformador e individual que as aulas do mesmo proporcionam, em cinco tópicos. No primeiro deles, intitulado *Chegar ou toda segunda- feira é um chegar*, direi dos começos e da importância dos primeiros contatos, em sala de aula, mais especificamente nas oficinas do projeto *Arte e Diferença*, onde o público é rotativo e diferente, a cada semana, fazendo com que toda segunda-feira seja uma chegada.

O segundo é o *Cartografar-Princípios*. Neste tópico irei abordar alguns dos princípios do projeto *Arte e Diferença*, como: ludicidade, singular e coletivo, liberdade, autoralidade, transdisciplinaridade, acessibilidade e improvisação. Ressalto, aqui, a importância desses princípios nas relações com o outro, durante as oficinas, possibilitando ao/à aluno/a experienciar um processo de investigação e entendimento de si.

Em seguida, no tópico *Desapegar***,** apresentarei um pouco a metodologia do projeto, como são pensadas e preparadas as oficinas e, nesse contexto, do processo de desapego de técnicas e métodos para lidar com a realidade das oficinas. Além disso, narro como funciona a orientação da professora Anamaria Fernandes, no decorrer das oficinas e como esse processo de formação me ajudou, como professor.

---

[3] Anamaria Fernandes é graduada Dança pela Universidade Estadual de Campinas (1993), mestrado em Artes do espetáculo - *Université de Rennes II* (2010) e doutorado-tutela com bolsa cedida pelo CNPQ em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2015) e em Artes do espetáculo - *Université de Rennes II*. Trabalha com dança contemporânea e improvisação, com a participação de músicos, atores e/ou artistas plásticos na França e no Brasil. Desde 1998, tem se dedicado de forma particular à dança com pessoas em situação de vulnerabilidade, doença mental, deficiência intelectual (leve, média ou severa) e pessoas com TEA, tendo como diferencial de seu trabalho junto a este público a abordagem da dança pelo viés da arte.

[4] Mônica Maria Farid Rahme é graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas - Fundação Mineira de Educação e Cultura (1992), cursou mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2010), com período de Bolsa Sanduíche na *Université Paris Descartes* (França). Por esse trabalho, recebeu o Prêmio CAPES de teses 2011, referente à área de Educação. Em 2014, realizou Pós-doutorado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Como docente da Educação Básica, integrou o quadro de profissionais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte entre os anos de 1993 a 2010, atuando na Educação Especial, Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e em processos de formação continuada de professores(as), em serviço. Em cursos de graduação e pós-graduação, tem experiência nas áreas de Educação e Psicologia.

Transformar (tomar posse de si), terceira parte do estudo, no qual reconheço como o processo de tomar posse de suas ideias e convicções acontece a partir da experiência. O que vivenciei, como professor, no projeto *Arte e Diferença*, possibilitou uma autoafirmação do meu trabalho e como indivíduo. O processo de aprender vendo o outro aprender, o que acontece nas oficinas do programa, me proporcionou uma formação prática que será essencial para minha carreira.

Por fim, no último tópico, o qual nomeei *Encontro(s) - algumas últimas linhas (aqui)*, são as considerações finais do meu trabalho, defendendo a importância e desenvolvimento de projetos como o *Arte e Diferença*, para se criar um mundo novo. Nesse contexto, percebo que ecoa o que Jorge Larrosa Bondia (2002, p. 2) define a experiência: "[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece". Os encontros que as oficinas do projeto proporcionam, possibilitam uma experiência com o outro e consigo mesmo. Fazendo com que outros cenários e possibilidades de ser e estar no mundo sejam criadas.

Daí se dá o processo de transformação e emancipação do indivíduo - que considero ser único e individual e que acontece em seu devido tempo - através da arte, que proporciona a sociedade outras possibilidades de lidar com suas demandas.

Desse modo, desenvolvo este trabalho com o objetivo de contribuir para a legitimação da importância da Arte no processo de transformação e emancipação do indivíduo que provoca mudanças sociais, éticas e estéticas.

Chegar ou *Toda segunda-feira é um chegar*

As oficinas do projeto *Arte e Diferença* ocorrem semanalmente e são abertas à comunidade interna e externa da UFMG. Atualmente, o projeto tem uma parceria com três instituições que atendem pessoas com necessidades especiais, em Belo Horizonte-MG: o programa *Mala de Recursos Lúdicos*[5], que faz um trabalho em BH e região metropolitana, com uma abordagem lúdica, em atendimento a domicílio, que busca fortalecer e qualificar a proteção social básica em residência para as pessoas com deficiência; o *Instituto São Rafael*[6], uma escola de ensino público localizada no bairro Barro Preto, em BH, que oferece formação

[5] Para saber mais sobre o Programa, visite o site: https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/mala-de-recursos-ludicos.
[6] Para saber mais sobre o Instituto *São Rafael*, acesse: https://www.instagram.com/institutosaorafaelmg/?hl=pt-br.

e cursos livres para pessoas com deficiência visual; e o Instituto *Viva Down*[7], que oferece oficinas, aulas e atendimentos de diversas áreas a fim de ampliar e melhorar a qualidade de vida de pessoas com Síndrome de Down e outras deficiências.

O programa *Mala Lúdica* frequenta as oficinas três vezes ao mês, levando as famílias assistidas com seus educadores e acompanhantes para as oficinas na UFMG. Já os encontros com o *Instituto São Rafael* acontecem na penúltima segunda do mês, na própria instituição, fazendo com que uma parte da equipe fique na UFMG e outra no instituto.

Na última semana do mês, o projeto *Arte e Diferença* funciona da seguinte forma: na segunda-feira, oferecemos oficinas exclusivas para formação de educadores que lidam com pessoas com necessidades especiais; e, às quintas-feiras, acontece a oficina no *Instituto Viva Down*, localizado no bairro Cidade Nova. Essas divisões e deslocamentos da equipe acontecem, pois os institutos *São Rafael* e *Viva Down* não possuem a possibilidade de transporte para a UFMG.

As oficinas semanais do projeto acontecem todas às segundas-feiras, no horário das 14h às 15h30, no anexo I da gravura (prédio próximo ao Restaurante Universitário Setorial I), [8]localizado na UFMG, no campus Pampulha. Essas oficinas contam toda semana com um público rotativo e diverso, mesclando alunos/as com e sem deficiência da UFMG, comunidade externa e instituições parceiras.

Dessa forma, toda segunda-feira é um grupo novo, com necessidades diferentes, demandas diferentes, de diversas idades, classes sociais e culturais. Entender esse processo, para mim, no início, foi assustador. Lidar, semanalmente, com pessoas novas e oferecer uma experiência artística, em tão pouco tempo, era um desafio. Mas, aos poucos, com a ajuda da professora Anamaria Fernandes, fui entendendo a dinâmica do projeto e a importância do chegar.

Bell Hooks (2013) afirma que, muitas vezes, antes do processo em sala de aula começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala. Antes disso, é necessário nos reconhecer: chegar, entender o outro e a mim mesmo com o outro naquele espaço. Diz ela: "na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nossos interesse uns

[7] Para saber mais sobre o Instituto *Viva Down*, acesse: https://vivadown.org.br/.
[8] Originalmente o anexo foi construído para o curso de licenciatura em Dança. Mas também acolhe o curso de artes visuais com diversos ateliês e aulas.

pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros"[9] (Ibid., p. 17).

Era exatamente isso que as conduções das oficinas necessitavam. Toda segunda-feira, era necessário chegar, ficar descalços, afofar a grama, sentir os pés no chão, aquecer o espaço, ficar um tempo parado e entender o lugar novo em que aqueles alunos/as estavam inseridos. Muitas das vezes, isso funcionava, mas, outras não. Quando esse momento inicial não funcionava, por diversos motivos, e alguns participantes se recusavam a fazer alguma atividade ou simplesmente as propostas não aconteciam, eu sentia uma sensação de fracasso.

Porém, com o tempo, eu fui percebendo, em minhas conversas com meus colegas bolsistas, voluntários e a professora Anamaria, que isso acontecia, pois o projeto se fundamenta no encontro e não em uma aula. Nesse encontro, diversas questões são apresentadas pelas pessoas que ali estão inseridas, naquele dia e naquela hora.

Dessa forma, um dos princípios-chave do projeto são os convites. O tempo todo, nas oficinas, as pessoas são convidadas a fazer algo, mas sem exigências ou expectativas, pois os convites "têm por objetivo incitar, provocar um desejo, não um desejo orientado, com um objetivo preestabelecido, mas um desejo de existência, de existir" (VIANA; RAHME, 2020, p. 34).

Todas as oficinas me demandavam começar do zero, quase como ser professor e chegar em uma escola nova, toda semana, com alunos/as novos e diversos. Chegar era necessário tanto para mim, quanto para aqueles/as participantes do projeto. Isso foi um processo importante de experienciar na minha jornada, como educador.

O filósofo e historiador Michel Foucault ([1975]/1987, p. 163) ao dizer que "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado",[10] me ajudou a entender o processo de toda segunda-feira ser um chegar, pessoalmente, refletindo sobre minha jornada e, coletivamente, observando as pessoas que frequentavam as oficinas, as trocas e as relações experienciadas nelas.

Durante minha jornada acadêmica, meus percursos foram se transformando. Experimentei outras áreas, busquei novos saberes e tive diversas experiências boas e ruins.

---

[9] É importante salientar que o pensamento de Hooks (2013) apesar de ser para sala de aula, também pode ser configurado para as oficinas do projeto que não são configuradas como uma aula. No dicionário, a palavra aula é definida como "1. Sala ou local em que se leciona; 2. Matéria lecionada; 3. Preleção" (AMORA, 2009, p. 69). As oficinas do projeto são encontros onde não há uma intenção de se transmitir algum conhecimento e que há uma hierarquia entre professor e aluno, mas um espaço de troca e criação conjunta de propostas e experiências artísticas.

[10] Mais adiante retomarei essa discussão dos "corpos dóceis", a partir do pensamento de Michel Foucault.

Além disso, precisei, durante toda minha graduação, conciliar meus estudos com trabalho em diversas áreas, [11]para me sustentar.

Por causa disso e do enrijecimento comportamental que a vida adulta e a nossa sociedade nos causa, algumas habilidades e pensamentos foram adormecidos em mim. Brincar, criar, descobrir, inventar, cantar, improvisar e correr foram atividades que, desde criança, eu fazia muito bem e, no teatro, eu pude explorar elas ao máximo, durante minha adolescência.

O teatro me proporcionou experimentar de novo meu próprio corpo e minhas próprias vontades. Tudo que é necessário no projeto *Arte e Diferença*: comportamentos e atividades orgânicos, que foram se perdendo à medida que fui crescendo, me tornando adulto e entrando na universidade. Foi necessário me revisitar, "voltar para casa" e trazer de volta todas essas dimensões que estavam adormecidas dentro de mim, para estimular e criar com as pessoas que frequentavam as oficinas do projeto.

No período da pandemia, muitas dessas pessoas passaram por perdas e situações difíceis. Grande parte do público que frequenta as oficinas possuem comorbidades e necessidades especiais e algumas dessas pessoas ficaram internadas com COVID-19. Observando e experienciando conduzir as oficinas do projeto presencialmente, depois de dois anos praticamente sem contato físico, devido à pandemia, pude perceber, através de conversas, momentos de desabafo, dificuldades de interagir com o outro nas oficinas. Reconheci que o público do projeto e, especialmente, as pessoas com deficiências, necessitavam de atenção maior nas relações que as oficinas demandavam.

Diante disso, na volta das oficinas presenciais, eu, com os monitores do projeto, percebemos que era necessário um cuidado a mais nas relações que estavam sendo construídas durante os encontros. O contato físico, estar em um lugar novo, conhecer gente nova, relacionar-se com outras pessoas e ter a liberdade de poder criar algo, no contexto pós-pandêmico, era difícil.

Percebemos o quanto essas pessoas estavam sensíveis, feridas, cansadas e com questões internas que iam além do nosso entendimento. Muitas vezes, em algumas oficinas, a necessidade de conversar, desabafar, ir mais devagar, mudar de proposta, dar três passos para trás, para dar dois para frente, ficava escancarada.

Esse cuidado nos encontros, foi essencial para o processo de "chegar" que as oficinas demandavam, como afirma essa passagem do livro *Arte e Diferença na Escola:*

[11] Atualmente, trabalho como Design Gráfico (no que possuo uma formação técnica) em uma empresa de comunicação e fiz freelancers de Design durante toda minha graduação. Além disso, sou produtor e realizo alguns trabalhos esporádicos na área. Também faço parte do Grupo Miserável de Teatro, onde trabalho como ator e produtor.

> O cuidado em relação aos sujeitos envolvidos e à preparação do ambiente por quem conduz o trabalho são pontos fundamentais nesse sentido: trabalhar a percepção dos diversos fatores que compõem a cena e afetam o planejamento, as variações temporais, espaciais e relacionais; a sensibilidade frente ao momento presente dos participantes e às diversas emoções em jogo (VIANA; RAHME, 2020, p. 40).

Um exemplo destes cuidados aconteceu em uma das primeiras oficinas que conduzi. Eu havia preparado uma aula dançante, na qual dançávamos com tecidos de diferentes tamanhos e cores.

Era período de festa junina e tive a ideia de fazer uma quadrilha com os participantes. Coloquei uma música típica, propus que usássemos os tecidos como figurino, fazendo saias, vestidos, chapéus e paletós e dei início a grande roda típica da festa junina. Enquanto eu dava os comandos, percebi que uma das participantes se sentou e fui perguntar o porquê. Ela me disse que estava com falta de ar e eu ofereci um copo de água. Naquele momento, a professora Anamaria, disse em meu ouvido, para diminuir o ritmo da oficina.

Eu conversei com os outros monitores presentes e decidimos ir para uma atividade mais calma. Foi quando eu percebi que, por não estar com a escuta e o olhar aguçado, não reconheci que as pessoas presentes na oficina, naquele dia, estavam necessitando de uma atividade mais serena.

A participante que se sentou, por falta de ar, possui deficiência intelectual. Ela me relatou que havia saído do hospital há alguns meses e que, no ano anterior, tinha contraído COVID-19 e estava com algumas sequelas, como a falta de ar. Nesta mesma oficina, a mãe desta participante, que estava sentada em um canto da sala, cabisbaixa, quando fui perguntar o que estava acontecendo, ela me disse questões muito pessoais sobre a família, relacionadas a abandono, carência e tristeza.

Propus a ela que passássemos todo aquele sentimento para o papel e deixássemos, por hora, aquele sentimento em outro lugar, pois, naquele espaço, era um lugar para ela aproveitar o momento com sua filha e consigo mesma. Começamos a rabiscar um grande papel kraft, que estava na parede, com giz de cera de várias cores, repetindo as palavras “xô tristeza" e “xô depressão”. Rabiscamos o papel com muita força, até cansar. Ao final, ela me deu um abraço, um sorriso, me agradeceu e continuou a oficina com sua filha. Esse acontecimento inesperado me fez perceber a importância da escuta durante as oficinas e entender esses corpos ali presentes e suas particularidades, esses “corpos dóceis", e a importância do chegar para eles.

O corpo humano foi ensinado e disciplinado, a vida inteira, a agir e a ser de uma forma pré-estabelecida e aceita socialmente. Por essa imposição, tornou-se dócil, acanhado e objeto de poder do estado, da família, da igreja e do sistema. Um corpo dominado por qualquer relação de poder de sua época, feito para servir, assim como reflete Foucault ([1975]/1987, p. 164):

> Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

Esses corpos "dominados" se apresentavam nas oficinas de diversas maneiras, como na situação descrita acima ou de outra forma mais contida, ou mais explícita. Mas, em todas as situações, as marcas das disciplinas impostas socialmente apareciam. A partir daí, propúnhamos formas de romper essa docilidade e reconhecer seus corpos. Praticando a "indisciplina" e a liberdade, tentávamos criar um espaço de possibilidades para que esses corpos dóceis, desobedecessem às regras e fizessem o que tinham vontade.

Além disso, esse episódio me fez relembrar a fala de Bourriaud ([1998]/2009, p. 9), quando fala da estética relacional e diz que "a arte é um estado de encontro fortuito". Neste caso, ele está se referindo às obras artísticas contemporâneas, mas, aqui, relaciono essa fala às oficinas artísticas do projeto, reconhecendo que "a arte é o lugar de produção de uma socialidade específica: resta ver qual é o estatuto desse espaço no conjunto dos 'estados de encontro fortuito' propostos pela Cidade" (Ibid., p.8).

As teorias de Foucault sobre o "corpo dócil" me ajudaram a refletir e trazer a sensibilidade necessária nas oficinas do projeto e o momento atual que estávamos vivendo. Entender esses corpos e corpas que estavam ali e as construções sociais que lhe moldaram me fizeram repensar a minha forma de pensar as oficinas além da "técnica" e mais a partir da relação.

Estar ali significava respeitar e entender o tempo do outro, o momento histórico e novo que estávamos vivendo: entender esse corpo de novo, revisitá-lo e descobri-lo, pois o mundo faz com que "o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe" (FOUCAULT, [1975]/1987, p. 164).

Aprender a olhar de novo, a tocar de novo, a criar juntos algo novo, relações que, para aquelas pessoas, já eram difíceis antes da pandemia, devido às suas necessidades e vivências,

mas que ficaram ainda mais difíceis depois de dois anos sem contato físico com o outro, além de seus familiares.

Muito além de “criar para” era necessário “criar com”, esse é um dos objetivos principais do *Arte e Diferença*. Criar ponto(s) de encontro(s), onde o fazer artístico se efetuava a partir da relação, pontos de vistas e vivências diferentes. O que faz com que esses encontro(s) sejam únicos, efêmeros e performativos, como reflete Bourriaud ([1998]/2009, p. 14), ao falar da performance: “Em suma, a obra suscita encontros casuais e fornece pontos de encontro, gerando sua própria temporalidade”.

Tendo em vista que esta temporalidade que estávamos elaborando, partia de um processo criativo que

> implica uma dinâmica coletiva e colaborativa, que, por sua vez, enreda construção e compartilhamentos de conhecimentos, saberes, fazeres, experiências, memórias - passadas e vivas, em pleno movimento de constituição e atualização -, entre outros elementos (LÍRIO, 2020, p. 86).

O que faz com que esse objetivo seja tão importante é que, com ele, conseguimos fazer das oficinas um laboratório de nós mesmos e das nossas relações.

Cartografar - Princípios

Em minhas primeiras aulas do estágio IV, o professor responsável, Vinícius da Silva Lirio, nos apresentou o termo cartografia que faz parte de sua pesquisa, através de suas experiências em sala de aula, como artista, docente e pesquisador. Desde o primeiro momento, me senti muito animado com aquela abordagem.

Vinícius, através de poéticas do ensino do teatro e das artes, trazendo exercícios de (per)formatividade em suas aulas, “todos eles frutos de (auto)provocações sendo criados por meio de (auto)narrativas” (LÍRIO, 2020, p. 22), ia criando mapas cartográficos, seja por diários de bordo, palavras, poesia, registros de diversas maneiras que se tornavam um material único e diverso, que o ajudava a registrar e interpretar aquelas experiências.

O que mais me interessou na metodologia de Vinícius é a possibilidade de produzir uma pesquisa científica no campo das artes, tendo como foco as experiências, memórias e sensações em sala de aula, em tempo real. E, nesse sentido,

> daí a razão de nomeá-los de “cartografias (auto)etnográficas de poéticas”: mapeamentos de processos criativos, enquanto esses ocorrem, ainda em movimento,

> na dinâmica e nas inter-relações que os animam, isto é, em vida. Atos (per)formativos que reconhecem fluxos, rupturas e nós - como trama de vetores e dispositivos, suas articulações e, ainda, para dizer da gente, sujeitos de tais contextos - a partir de provocações (auto)etnográficas (LÍRIO, 2020, p. 22).

À medida que Vinícius apresentava essa abordagem nas aulas de estágio, eu pude relacioná-la com as oficinas do Projeto *Arte e Diferença*. A metodologia e o modo como a professora Anamaria orientava a nós, bolsistas e voluntários, produzindo uma formação docente, enquanto os encontros aconteciam, me fizeram pensar nesse mapeamento do processo de formação.

Um processo em movimento, vivo e dinâmico. Além disso, pude relacionar a abordagem de Vinícius com alguns dos princípios do projeto, como: *ludicidade, singular e coletivo, liberdade, autoralidade, transdisciplinaridade, acessibilidade e improvisação*. Estes princípios compuseram cartografias através de provocações e experiências das oficinas do projeto, as quais as professoras Anamaria Fernandes e Mônica Rahme registraram no livro *Arte e diferença na escola*.

A partir do entendimento dessa relação comecei a enxergar os princípios do projeto como cartografias que me auxiliam na criação de provocações durante as oficinas. Dessa maneira, todos os encontros me possibilitam cartografar, com as pessoas que frequentam o projeto, novas possibilidades de exercícios (auto)etnográficos que me possibilitam entender e mapear essas experiências como docente de Teatro.

Isso, além de fazer dos encontros um “laboratório de improvisação que, na mistura dos corpos, produz performances e cultiva sensibilidades" (VIANA; RAHME, 2020, p.13). Dessa maneira, a seguir apresento e reflito um pouco mais sobre esses princípios e minhas experiências com eles nas oficinas:

Ludicidade

A ludicidade, nas oficinas do projeto, além de trazer a potencialidade da criação, em um primeiro momento, nos ajuda a abrir caminhos, nas relações com o outro, de intimidades e possibilidades. A partir das minhas experiências nas oficinas, pude notar o quanto os exercícios lúdicos criam um espaço onde a vergonha e o medo vão sendo deixados de lado a partir da ludicidade.

No nosso dia a dia, cada vez mais, vamos esquecendo da capacidade de imaginar, criar e brincar. A ludicidade é essencial para enfeitar a realidade e despertar as formas diversas e subjetivas de expressões que possuímos. Nas oficinas do projeto, onde possuem pessoas com

deficiência, a ludicidade nos auxilia a nos relacionar com essas expressões diversas, formas outras de se estar no mundo e entender o outro.

Nesse sentido, Bourriaud ([1998]/2009, p. 38-39) reflete sobre a realidade da seguinte maneira:

> A realidade é aquilo que eu posso comentar com outrem. Ela se define apenas como um produto de negociação. Sair da realidade é "louco": fulano vê um coelho alaranjado em meu ombro, eu não vejo; aí a conversa se fragiliza e se retrai. [...] A arte tem por finalidade reduzir a parte mecânica em nós: ela almeja destruir todo acordo apriorístico sobre o percebido.

A ludicidade possibilita um rompimento da realidade convencionada na qual estamos inseridos, criando, assim, novas possibilidades de conexão. Durante as oficinas, os exercícios lúdicos são potencializadores de provocações, autenticidade, autonomia e impulsos coletivos. Nesse contexto, reconhece-se que "a ludicidade é motriz do desejo, e o desejo motor de energia, de movimento, de força e alegria" (VIANA; RAHME, 2020, p. 21).

Singular e Coletivo

Acredito que esse seja um dos princípios mais difíceis, mas o mais bonito de testemunhar quando ele acontece durante as oficinas do projeto: estar junto e só, ao mesmo tempo; criar ponto(s) de encontro(s); respeitar meu tempo e o tempo do outro e criar um espaço de compartilhamento e criação conjunta.

Identificar as singularidades de cada um do grupo e tentar integrá-las em um trabalho coletivo, na minha condição de condutor das oficinas, é difícil, porém, é necessário. Quando o exercício de respeitar o singular e o coletivo acontece, os participantes das oficinas podem identificar, em si mesmos, possibilidades, físicas, emocionais e motoras que, até então, nunca haviam sido percebidas e, dessa maneira, compartilhar a sua forma de criar com o coletivo. Isso, na medida em que cada um terá uma forma de realizar os exercícios propostos. Desse modo, em um simples exercício de se locomover pelo espaço, haverá várias maneiras legítimas de se fazer o que foi proposto.

Nas oficinas do projeto, pude perceber o quanto esse trabalho singular e coletivo é importante para o processo de entendimento de si e a emancipação do indivíduo. Num espaço onde a diversidade é ampla, demandas diferentes surgem de cada um. Mas, com base nesse princípio, tentamos ao máximo, não excluir ninguém por causa de alguma limitação e, sim, procurar formas de juntos/as integrar ou modificar alguma proposta para que ela possa ser feita coletivamente.

Nesse processo, as pessoas que frequentam o projeto, entendem muito sobre si e sobre o outro. Suzana Schmidt Viganó (2006), doutora em Artes pela ECA-USP, faz uma reflexão que, a meu ver, retrata a experiência vivida pelas pessoas que frequentam as oficinas do *Arte e Diferença*, em relação ao princípio do singular e coletivo, que é "ao viver a experiência teatral, despertamos a consciência de que somos agentes da história, pessoal e coletiva" (id., p. 103). Neste caso, ela se refere a suas experiências dando aulas de Teatro para jovens periféricos, em uma ONG. Mas, acredito que, no contexto das oficinas artísticas do projeto, se encaixa perfeitamente.

Liberdade

Os exercícios propostos, durante as oficinas, são feitos através de convites. O tempo todo estamos convidando e instigando desejos e vontades de criar algo coletivamente para as pessoas que frequentam as oficinas. Convites que podem ser recusados sem culpa.

Para mim, foi essencial, no projeto, entender esse processo no qual a liberdade que as pessoas possuem de participar ou não das atividades não significa fracasso, ou que elas não estejam ali, absorvendo o que está sendo feito da sua maneira.

Assim é que, se reconhece, naquele contexto, que, "para nós, a liberdade em habitar o espaço dentro ou fora de uma atividade deve ser privilegiada, pois não somente ela minimiza um poder existente como possibilita outras formas de estéticas" (VIANA; RAHME, 2020, p. 37).

Além disso, durante os encontros, a liberdade é essencial para a criação desse espaço seguro para experimentar. Fazer o que nunca foi feito, transgredir as regras estabelecidas da sociedade, comportamento, afeto e expressões diversas. Falar de outro jeito, correr, gritar, ficar em silêncio, brincar, sair da mesmice. A liberdade, nas oficinas, permite, tanto para as pessoas que estão fazendo, quanto para nós, bolsistas e voluntários, um espaço de aprendizagem, sentido e experiências, leve e fluído e sem julgamentos alheios.

Nas palavras de Bell Hooks (2013, p. 24), "reconhecer o que está além das fronteiras do aceitável. [...] Celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação, na prática da liberdade [...]".

Autoralidade

Na minha primeira oficina no Instituto *Viva Down*, através do projeto *Arte e Diferença*, entendi realmente o que era autoralidade. Lucas[12], um dos integrantes do instituto, é um menino de 13 anos, que possui autismo nível 3. Nunca havia lidado com autistas severos e senti um pouco de dificuldade para integrá-lo nas atividades.

Durante toda a oficina, ele usava seu objeto de apoio e andava por todo o espaço, brincando e jogando seu objeto. A todo momento, eu o chamava para entrar na roda, segurar o tecido que estávamos esticando juntos e cantar. Porém, Lucas não reagia da forma como eu esperava, não olhava nos meus olhos, não respondia, saia de perto e continuava brincando com seu objeto de apoio.

Em um determinado momento, comecei a cantar mais alto com os outros participantes e a outra integrante do projeto, que estava presente, me sinalizou que Lucas estava muito agitado, que talvez seria melhor diminuir o ritmo. Sugeri, então, que, juntos, fizéssemos um mural de tudo que aconteceu na oficina, mas que, antes, desenhássemos, em um papel, o que sentimos.

Me sentei ao lado de Lucas e dei uma folha e giz de cera para ele desenhar. Depois de algumas conversas e estímulos, ele começou a fazer alguns rabiscos no papel, uma cabeça, cabelos, boca, as iniciais do seu nome e logo se dispersou e voltou a andar pelo espaço com seu objeto de apoio.

Eu, em minha ignorância e frustrado, querendo incluir e achar formas de fazer com que Lucas gostasse da minha oficina, perguntei à psicóloga que o estava acompanhando naquele dia: "*ele não irá terminar?*". E ela me respondeu: "*ele terminou, mas do jeito dele*". Continuei a trabalhar e auxiliar os desenhos individuais, e fiquei com uma sensação ruim de fracasso por não ter conseguido estimular desejo em Lucas para que ele fizesse as atividades "do jeito que eu esperava".

Logo em seguida, Lucas se sentou e apertou alguns botões em seu celular e a psicóloga me disse: "*ele está gostando, acabou de falar que está feliz*". Fiquei surpreso e sem entender. Perguntei como ela havia chegado àquela conclusão. Ela me disse que Lucas usava a comunicação alternativa, através de seu celular para demonstrar sentimentos, vontades, desejos e que o botão que ele tinha apertado significava que ele estava feliz.

Despertar a nossa autoralidade não é fácil, principalmente, num mundo tão cheio de comparações e padrões. É necessário sensibilidade e gentileza, como nesse caso do Lucas, para reconhecer o modo de ser e fazer do outro e respeitar e acolher o nosso tempo e modo de

[12] Nome fictício dado ao integrante do Instituto *Viva Down*.

ser também. Como afirma Vinícius Lírio (2020, p. 55), “estar aberto, sensível, poroso à escuta implica reconhecer a dimensão daquilo que nos atravessa, dos afetos".

Transdisciplinaridade

Num mundo tão fragmentado, a transdisciplinaridade nas oficinas do Projeto *Arte e Diferença*, nos permite explorar autoralidades e as diversas formas de conhecimentos do outro. Através das distintas áreas do conhecimento da Arte, como Teatro, Dança, Música, Artes Visuais e a parceria com profissionais da Educação e da Psicologia, criamos um espaço de possibilidades e circulação de diferentes tipos de abordagens e métodos.

Desde que ingressei no projeto, a professora Anamaria me orientava a mesclar a minha formação em Teatro com a formação e experiência dos outros bolsistas e voluntários. Atualmente, o projeto conta com uma equipe formada por pessoas da área do Teatro, Dança, Terapia Ocupacional, Artes Visuais e Psicologia.

A equipe do projeto, assim como as pessoas que o frequentam, também é diversa e única, o que é fundamental para a construção dos encontros. A partir da experiência e perspectiva de cada um com suas vivências e corpos ali, podemos descobrir outros modos e pontos de vistas diferentes.

A presença de pessoas com deficiência na equipe foi de extrema importância para o projeto; pude conhecer e trocar com duas pessoas este ano que me ensinaram e ajudaram muito. Nathália que é uma pessoa cadeirante, me ensinou através de sua experiência como dançarina que dançar vai muito além de movimentos ensaiados e prontos. Oscar que é ator e dançarino e possui deficiência visual, me ensinou e me mostrou na prática a importância das palavras e do toque, além de potencializar as oficinas com suas conduções alegres e sempre nos mostrando a perspectiva de uma pessoa cega, um exemplo disso foi a audiodescrição que fazíamos no início dos encontros e que antes eu nunca havia pensado ou feito.

Durante as reuniões mensais de planejamento, sempre procuramos somar nossos conhecimentos, pois acreditamos que a “experiência da transdisciplinaridade nos dá a oportunidade de encontrar novos caminhos, de desenvolver trabalhos colaborativos, desafiadores e inovadores" (VIANA; RAHME, 2020, p.19).

Acessibilidade

A acessibilidade, no Projeto, vai além de tornar exercícios “adequados” para determinada deficiência. Nos encontros, a mesma vem no lugar da “criação de novas possibilidades a partir do que me é diferente” (VIANA; RAHME, 2020, p. 25).

Em minha experiência no *Arte e Diferença*, pude perceber o quanto nossos espaços físicos, como da Universidade, ruas, banheiros, transportes públicos, bem como, mais especificamente, meus planejamentos de aula e oficina excluem alguns corpos. Parece meio óbvio dizer isso, mas só a partir dessa experiência e de relatos de pessoas que não conseguiram chegar à oficina por causa de transportes públicos não acessíveis, pude, realmente, perceber o quanto nossa sociedade ainda não pensa nas pessoas com deficiência.

Um exemplo disso é o espaço físico da UFMG - Campus Pampulha, que não é acessível para pessoas com deficiência. Acho importante salientar essa falta de acessibilidade aqui, pois, antes de ter esta experiência no projeto *Arte e Diferença*, eu não percebia o quanto a universidade não era acessível para essas pessoas. Na maioria dos encontros, as pessoas com deficiência que frequentam o projeto nos relataram a falta de banheiros adaptados, a falta de sinalização para pessoas com deficiência visual e a dificuldade de locomoção para pessoas cadeirantes, devido suas ruas desniveladas e rampas sem corrimão, além de diversos outros fatores.

A invisibilidade desses corpos no meio social gera um comportamento capacitista[13], quando se propõe determinadas atividades, seja em sala de aula, oficinas, academias e outros espaços de convívio, sobretudo, para pessoas adultas com deficiência. Desde o início das oficinas, a professora Anamaria nos orientou a nunca tratar as pessoas que frequentam o projeto no diminutivo e nem infantilizar esses corpos e os exercícios propostos, pois são pessoas adultas com suas singularidades e potencialidades, que já são estigmatizadas diariamente.

Improvisação

E para finalizar essa cartografia que me auxilia na criação de provocações (auto)etnográficas, gostaria de ressaltar a importância da improvisação nas oficinas. Ela perpassa todos os princípios do Projeto e está presente em todos os encontros. É uma abordagem que estimula a autoralidade e faz com que os encontros sejam únicos e potentes. Como eu já havia mencionado, devido à dinâmica do projeto, o planejamento das oficinas não é seguido à risca em função das demandas das próprias pessoas que o frequentam.

Nas oficinas do projeto a improvisação é utilizada como um princípio para potencializar a condução de nós, voluntários e bolsistas, e dar liberdade para as pessoas que

[13] Termo decorrente da palavra capacitismo que é definida como "uma forma de preconceito, de discriminação contra a pessoa com deficiência, faz parte da sociedade e envolve as capacidades que uma pessoa possui ou não. No caso da pessoa com deficiência, o imaginário traz à tona que essas pessoas não são capazes simplesmente por terem uma deficiência" (MARCHESAN; CARPENEDO, 2021, p. 50).

frequentam o projeto. Neste contexto, a improvisação está muito mais atrelada à prática docente e as relações implicadas nos encontros do que a serviço de algum resultado. Logo, vale ressaltar que não há uma relação direta, aqui, com improvisação teatral, que, de modo geral, pode ser entendida como uma técnica usada por alguns atores e atrizes para alcançar resultados em seus trabalhos e potencializar a criação.

Assim como a vida, as oficinas mudam de acordo com as circunstâncias apresentadas e a improvisação nos dá a possibilidade de transformar juntos o que está sendo feito. Acredito na improvisação como essa criação do momento, uma experiência viva e fluida dos encontros que potencializa singularidades e autoralidades. Além de viabilizar melhor a "capacidade de concentração, de relação, de transformação de ideias" (VIANA; RAHME, 2020, p. 45).

Desapegar

A partir dos princípios do Projeto e entendendo-os como cartografias que me auxiliavam no processo de criação e de provocações (auto)etnográficas, fui estruturando melhor os encontros durante as reuniões de planejamento.

Nas minhas primeiras oficinas como condutor, senti muita dificuldade devido a não estar familiarizado com aquele modelo de criação. Sentia necessidade a todo momento de estar a frente e fazer as oficinas "funcionarem" da mesma maneira para todos. Além disso, tentava encaixar técnicas e metodologias que aprendi durante o curso de Licenciatura em Teatro, que não estavam funcionando ali. Ao perceber isso, saí um pouco desse lugar do controle e comecei a observar e escutar as orientações da professora Anamaria.

Num primeiro momento, entendi que o planejamento das aulas iria funcionar como um auxílio para nós, bolsistas e voluntários, mas que ele não podia ser uma limitação e, sim, um material de inspiração. Comecei a observar também o uso dos objetos durante as oficinas. No início, tentava ao máximo não usar nenhum objeto, tecido, papéis, bambus, bolas e todas as possibilidades disponíveis no acervo do *Arte e Diferença*. Ainda aprisionado num pensamento metodológico que ouvi em cursos livres e em algumas aulas de teatro da Licenciatura de não usar objetos como "bengalas" para se criar ou dar aulas.

Esse pensamento trazia a ideia de que um ator ou professor que usava objetos para criação era um artista preguiçoso, que não era capaz de criar e inventar a partir de suas próprias ferramentas, o corpo. Porém, me desapeguei dessa ideia nos encontros, pois vi que ela não funcionava naquelas circunstâncias.

Primeiro, que não estava trabalhando com atores e nem atrizes e não tinha a intenção de transmitir conhecimento metodológico para aquelas pessoas; e, segundo, pois comecei a perceber o quanto o uso daqueles objetos instaurava modos de criar e uma relação de concentração e sensibilidade com os exercícios propostos.

O projeto tem um público principal de pessoas com deficiência e algumas dessas pessoas não estavam habituadas às oficinas artísticas ou a estar em espaços públicos com pessoas desconhecidas. Identifiquei que, muitas das vezes, aqueles objetos aproximavam e formavam uma sensação de reconhecimento, pertencimento e conforto. O que facilitava a presença daquelas pessoas na oficina.

A partir do desapego de algumas técnicas, comecei, então, a ter outra conduta nas reuniões de planejamento com os meus colegas e nas oficinas, entendendo esse lugar de que nada está totalmente fechado e pronto e me permitindo viver o processo de formação que o projeto estava propondo.

A cartografia também me ajudou a enxergar melhor como funcionavam as oficinas do projeto e como esse processo se dava, não a partir de modelos prontos, entendendo que, em casos assim,

> [...] não seria possível reproduzir modos de operar. Compreendemos que isso não é coerente com a criação em arte nem com os processos pedagógicos na escola (o que se expande, também, para espaços não formais e, mesmo, informais). Então, precisávamos construir modos de ser/estar naquele lugar (LÍRIO, 2020, p. 61).

A orientação da professora Anamaria foi essencial nesse processo. Desde o primeiro momento, dando liberdade para nós, bolsistas e voluntários, criarmos os encontros. Nos primeiros, tivemos alguns *workshops*, nos quais a mesma nos apresentou, na prática, como as oficinas do projeto funcionavam. Após algumas reuniões de planejamento e encontros, ela nos deixou livres para planejar e conduzir as oficinas, dando apenas sugestões pontuais e necessárias.

Acho importante pontuar que, quando falo desse desapego de métodos e técnicas que aprendi, durante minha formação acadêmica em Teatro, não quer dizer que eu estou desprezando sua importância. Sei do valor desses aprendizados e sua relevância para o meu amadurecimento teórico e prático.

O que quero dizer é que, no Projeto *Arte e Diferença*, aprendi que, algumas vezes, é necessário desconstruir alguns pensamentos. Isto não significa que estou esquecendo de toda

minha bagagem e experiência na Licenciatura, mas que estou transformando-a para algo além da técnica, em algo palpável, próximo e afetuoso, naquele contexto.

A partir desse desprendimento, comecei a aplicar meus saberes de outra maneira. Antes de começar a conduzir as oficinas do projeto, ainda na fase de planejamento e *workshops* com a professora Anamaria, me sentia totalmente apavorado e despreparado para lidar com pessoas com deficiência. Me fazia vários questionamentos: como eu lidaria com essas pessoas? Como eu conseguiria incluir todas? Como faço para deixá-las à vontade e não se sentirem reprimidas? Dentre outras diversas dúvidas e cenários criados na minha mente. Porém, a partir da prática e da experiência de estar ali, com aquelas pessoas, aprendi uma lição valiosa: a simplicidade.

É simples a humanidade, é simples o afeto. Vivendo com aquelas pessoas, eu percebi que o meu medo era gerado por falta de informação e capacitismo. O afeto, a escuta, a sensibilidade, fazem parte das relações humanas. E, muitas das vezes, nós esquecemos disso devido ao profissionalismo e à "humanidade robô" em que estamos inseridos.

Lidar com aquelas pessoas se tornou simples, quando me permiti ter afeto, me abrir e ter intimidade com elas. Bell Hooks (2013) afirma que nosso trabalho como educadores tem um espaço sagrado, além de simplesmente partilhar informação. Para ela, isso consiste em "ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos, é essencial para criar condições necessárias, para que o aprendizado possa começar, do modo mais profundo e mais íntimo" (id., p. 25).

Aprendi no projeto *Arte e Diferença*, a importância do afeto nas relações como educador e pretendo levar essa lição em toda minha carreira como professor. Como afirma Paulo Freire (1967, p. 97), “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. Foi necessário coragem e amor para conduzir as oficinas do projeto.

O título desse tópico foi a razão pela qual eu consegui me desprender do pressuposto de que “já sabia tudo”. Desapegar foi tão necessário para mim quanto todo o estudo e experiências nos estágios que tive na Licenciatura. Soltar, sair do controle, deixar ir, não esquecendo todo meu aprendizado, mas aprendendo mais e de outra maneira.

Por fim, gostaria de deixar, aqui, uma passagem do livro *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa (2019, p. 24), que acredito que contemple o final deste tópico:

> [...] Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.

Transformar (tomar posse de si)

Desde que escolhi trilhar o caminho da Licenciatura em Teatro, passei por diversos altos e baixos na Universidade. Várias vezes, pensei em desistir, por questões pessoais e financeiras. Sempre me perguntava se valia a pena insistir na Arte e Educação, num país onde artistas e professores são tão desvalorizados. Não me sentia pronto, nem com autoestima suficiente para poder trabalhar pedagogicamente com algo que considero tão grandioso e transformador, sendo que estava desestimulado e desacreditado.

A situação política do país, nos últimos seis anos, os diversos ataques à Educação, as experiências de estágio, onde via situações de descaso e desvalorização dos professores, me faziam acreditar que o caminho da educação não era para mim. Além disso, tinha uma enorme insegurança quanto ao meu trabalho, de modo que não me permitia errar e queria estar no controle das situações a todo momento.

No primeiro semestre de 2022, fiz meu último estágio em Licenciatura na EJA do Centro Pedagógico da UFMG, simultaneamente ao meu ingresso no Projeto *Arte e Diferença.* Considero que essas duas experiências foram complementares e essenciais para o meu processo de tomar posse de minhas ideias e voltar a acreditar na Educação e na Arte, como formas de transformar o indivíduo.

Falando brevemente da EJA, pude observar que os princípios que seguíamos no projeto *Arte e Diferença*, já partilhados aqui, e a visão da sala de aula como laboratório de nós mesmos poderia ser aplicada naquele estágio. Apesar de serem públicos diferentes, minha experiência no projeto me fez enxergar a EJA, também, como um lugar onde o processo de ensino-aprendizagem poderia ser sobre nós.

Durante minhas regências, busquei trazer o máximo de exercícios (auto)etnográficos que nos ajudassem a compreender o conteúdo, a partir do entendimento do mundo daqueles alunos/as, assim como no *Arte e Diferença*. Percebi o quanto aquelas pessoas também estavam fragilizadas e machucadas, em suas diversas formas de ser e se expressar. Pessoas que, por muitas vezes, por diversas questões sociais e culturais foram marginalizadas e excluídas da sociedade.

Dessa maneira, motivado pelos princípios e métodos do *Arte e Diferença,* pude aplicar na EJA algumas das abordagens do projeto e vivenciar, na prática, essas outras possibilidades no ensino regular.

Paulo Freire (1981, p. 35) afirma que “a experiência nos ensina que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece”. Toda experiência que tive no projeto *Arte e Diferença* me ensinou essa grande lição que Freire descreve. Minhas certezas, meus nãos, o que eu achava que não dava conta, o que eu sabia sobre mim, o que eu achava que já tinha superado, o que eu pensava que não funcionava e não era mais para mim, tudo caiu por terra. Todas as obviedades que eu tinha se tornaram um grande “talvez”. E, chegando a essa conclusão de incertezas, comecei um processo de autoafirmação e autoestima em meu trabalho como educador, que acredito que foi essencial para mim.

Tomar posse de minhas ideias me possibilitou transformar o meu pensamento, mudar de foco, ver outros caminhos. Conduzir as oficinas do projeto, no modelo que ele me oferecia, com a orientação da professora Anamaria e, principalmente, com o público singular e diverso de pessoas que frequentavam as oficinas, me trouxe uma nova perspectiva da Licenciatura.

Não me sentia confortável com modelos antigos de ensino, onde só o professor era responsável pela dinâmica da aula, nem me contemplava modelos de ensino-aprendizagem onde as bagagens culturais e sociais dos alunos não fossem consideradas. O projeto *Arte e Diferença* me possibilitou enxergar a Licenciatura e a sala de aula, futuramente, como um laboratório, como um lugar onde juntos, alunos/as e professor/a, irão criar, pesquisar e fazer juntos, levando em conta todas as nossas histórias de vida.

A partir dessa transformação, cheguei à conclusão de que, para continuar minha jornada como educador, seria necessário me atualizar sempre. Me conhecer e deixar de lado algumas certezas para poder ensinar o outro. Como afirma Bell Hooks (2013, p. 36), "os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente".

Dessa maneira, eu não estaria apenas transmitindo conhecimento, como reflete Hooks (2013), uma vez que estimulando e desenvolvendo um processo de autoatualização, próprio e com os/as estudantes, aumenta as chances dos/as alunos/as aprenderem de maneira profunda e plenamente, o que acredito que também se aplica a nós, professores/as.

O projeto *Arte e Diferença* me proporcionou uma transformação em mim que eu não imaginava ser possível. Uma transformação de pensamentos e de autoafirmação como artista, educador e indivíduo. Não esperava que entrar nesse projeto de extensão fosse mexer tanto comigo e incentivar a minha carreira acadêmica e profissional, como aconteceu. Aprendi com pessoas que frequentam o projeto que não saber de tudo também faz parte, que aprendermos juntos é mais gostoso, que ouvir, olhar, tocar, dar risadas, pode fazer parte de um estudo, sim.

Aprendi, sobretudo, que, nas relações com o outro, a hierarquização nunca é uma boa opção, ela limita e gera distância. Aprendi, com aquelas pessoas, que as relações que a Educação e a Arte me proporcionam é a minha forma de tomar posse de mim e das minhas ideias.

Os encontros do projeto *Arte e Diferença* irão fazer parte de toda minha vida e, principalmente, na minha jornada como professor de Teatro. Sempre me lembrarei das oficinas e quero aplicar em todo meu trabalho, daqui para frente, entendendo a sala de aula como um laboratório de nós mesmos.

Um trabalho, no qual as práticas são permeadas pela "relação com o outro, o afeto, o respeito e a empatia" (VIANA; RAHME 2020, p. 47). Onde nós, aluno/a e professor, "somos e propomos ser afetados, contaminados por uns e outros" (op. cit.).

Encontro(s): Algumas últimas linhas (aqui)

A partir de toda experiência que tive no projeto, me dei conta do valor do(s) encontro(s). Estamos inseridos num modelo atual de humanidade que necessita de tudo com urgência, somos estimulados a produzir e a servir para algo a todo momento. Trabalhar, estudar, fazer os afazeres do dia a dia. Tudo tem ocorrido tão depressa, que mal percebemos o que nos passou, o que nos aconteceu ou o que encontramos, ao longo do dia. Resumindo, cada vez mais, estamos deixando de experienciar a vida.

Toda segunda-feira, durante uma hora e meia, nos permitimos ser vulneráveis e experienciar uns com os outros, através da Arte. Nesse sentido, gosto muito do nome "oficina", pois é um lugar onde se constrói, se elabora e, ali, naquele espaço onde nos encontrávamos uma vez por semana, praticamos a construção de um mundo novo.

As pessoas que frequentam o projeto me ensinaram que, para criar esse mundo novo, era necessário romper algo em mim. Era necessário me permitir ser vulnerável. Assim como eles se permitiam, estar num lugar novo, num espaço, com pessoas novas, sair de suas zonas de conforto para experienciar uma vivência artística, numa sociedade que, por muita das vezes, os marginaliza. Não era justo que eu não me permitisse, também, ser vulnerável para que nos encontrássemos em nossas diferenças, ali. Eu os convidava a desejar e, em troca, eles me convidavam a "ser" juntos.

Jorge Larrosa Bondia (2002) afirma que para a verdadeira experiência acontecer, é necessário que se rompa algo em nós e nos deixemos ser vulneráveis. Para ele,

> a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Ibid., p. 22).

As oficinas do projeto eram um rompimento desse nosso tempo que corre, um espaço onde, juntos, parávamos e nos encontrávamos. Encontro(s) de encontros com o outro e um encontro comigo mesmo. Cultivamos sensibilidades e cuidado, uns com os outros, e, dessa forma, a cada encontro, saímos diferentes do que entramos.

As vivências cartografadas e descritas, nesse estudo, me ajudaram a entender qual era a motivação do projeto *Arte e Diferença* e o objetivo que ele cumpre na vida das pessoas que o frequentam. *Chegar, Cartografar, Desapegar, Transformar (tomar posse de si)* e, por fim, *Encontro(s)*, foram a minha maneira de sistematizar e ler um projeto que transforma a vida de diversas pessoas, na/com Arte. Todas essas vivências e pessoas são importantes para nosso mundo, para nossa sociedade.

Destaco, aqui, neste estudo, a importância de projetos como o *Arte e diferença* nas Universidades e programas sociais. Esses projetos possibilitam ao indivíduo uma visão de um mundo novo e a possibilidade de autoconhecimento, autoestima e emancipações. Possibilidades fundamentais para nós, como humanos, e, sobretudo, para pessoas com deficiência e em vulnerabilidade social.

O *Arte e Diferença* trabalha com pessoas, independente de suas limitações, e mostra, na prática, que somos donos de nossos próprios corpos, pensamentos e vontades. É um lugar de transgressão das regras impostas socialmente, um espaço de permissão, de descoberta do nosso espaço no mundo, de pertencimento e de encontro(s).

Como afirma o líder indígena, filósofo e escritor Ailton Krenak (2020, p. 27), "é importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros". Nas oficinas, contamos uns com os outros para descobrir nossas formas de circulação no mundo.

O projeto é um convite a nos enxergar e enxergar ao outro de forma mais gentil: “Nosso trabalho nasce de uma experimentação focada nos contatos mistos, estabelecidos entre pessoas com e sem deficiência” (VIANA; RAHME, 2020, p. 47). Para essas pessoas se permitirem ser elas e tomar posse de seus corpos.

Um espaço de fruição, de oportunidade e convívio com o diferente, em um mundo que ainda segrega, limita e nos torna zumbis do nosso próprio tempo. Pois,

> nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida[...] O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2020, p. 26-27).

Acredito que compartilhar nossas histórias e vivências e cultivarmos as experiências e diferenças é necessário para vivermos uma sociedade melhor ou, pelo menos, para tentar. Adiar o fim, criar um mundo novo com novas possibilidades de existir.

Nesse sentido, acredito na importância desse trabalho no processo de transformação e emancipação do indivíduo, que provoca mudanças pessoais e sociais e estéticas, que pude testemunhar e vivenciar. Isso, na tentativa dessa criação, desse mundo novo, onde poderemos reduzir desigualdades sociais, violências e preconceitos. Os encontros do projeto foram nossa forma de adiar o fim do mundo, de experienciar uns com os outros e tentar fazer da existência um lugar melhor.

Sou muito grato à UFMG e aos projetos de extensão que nela fiz parte, os quais contribuíram, fortemente, para minha formação como docente em Teatro. Aqui, agora, encontro comigo e com outro, transcorro sobre todas essas relações, me lembro de tudo que fomos juntos, para ser o que sou hoje.

Assim, abro caminhos para deixar que o novo entre e que eu tenha mais encontro(s) por aí. Aqui, finalizo um pedaço da minha história, um caco de mim que achei na vida. Finalizo um ciclo, abro outro e levo todas essas cartografias que me guiarão pelo mapa da vida.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio S. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas [1998]. **Estética Relacional**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel [1975]. **Vigiar e Punir** : nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LÍRIO, Vinícius da S. **Criar, performar, cartografar**: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinares do teatro e da arte. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane F. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**, v. 17, n. 40, p. 45-55, 2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIANA, Anamaria F.; RAHME, Mônica Maria F. **Arte e diferença na escola**. Belo Horizonte: Edição das autoras, 2020.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **As regras do jogo**: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.